

Quando soube que precisaria fazer como trabalho acadêmico um perfil jornalístico de imediato fiquei muito nervosa. Perguntava-me de que forma eu poderia retratar alguém sem tomar partido, ou como conseguiria descrevê-lo de maneira mais profissional possível. Quero deixar explícito que o Ângelo Fernandes foi minha segunda opção, o que para mim causou certo desconforto ter que contatá-lo com o pouco tempo que me restava para concluir o trabalho, mas aceitei o desafio, ou melhor, que opções me restavam. O primeiro contato que tive com Ângelo Raimundo Fernandes Silva foi por telefone. A sugestão de fazer um perfil sobre ele veio de um amigo comum que, também jornalista, me deu breves tópicos sobre a carreira dele e quando o confrontei e propus que me desse uma entrevista, fui atendida com um sorriso e uma resposta positiva.

Nascido em dezoito de setembro de mil novecentos e setenta e nove, Ângelo me revela que optou pelo jornalismo como profissão por considerar que através de sua prática poderia amenizar as desigualdades sociais tão presentes no cotidiano amapaense, inclusive no dele. Questiono então se ele tem alguma ideologia e ele muito rapidamente me diz que não, que não gosta de ideologias. “Acho que a prática do dia a dia é o que nos permite fazer alguma coisa boa por alguém”. Ao descrever sua infância, Ângelo relembra sua origem que foi muito humilde, mas que apesar de ter crescido em um bairro mais pobre, como a maioria das crianças, brincou bastante e também ajudava nos afazeres domésticos. Diz ainda que o jornalismo pode ajudar a mudar a realidade vivenciada nas periferias. Quando pergunto de que forma, ele me diz: “cobrando do poder público melhorias necessárias e elogiando também quando este for o caso”.

Quando questionado sobre sua formação, Ângelo me diz com certo orgulho que atualmente é pós-graduado em Estratégia de Comunicação e Mídia, e que por ter feito parte da primeira turma de jornalismo formada no Estado pela Faculdade Seama (2001/2004), lembra das dificuldades de fazer parte desse projeto, da deficiência de laboratórios e equipamentos; mas sentencia a importância da prática para o jornalista. “A prática, já que comecei a estagiar no segundo semestre do meu curso foi fundamental para a minha formação”. Nesse momento aproveito para perguntar o quanto importante seria a obrigatoriedade do diploma para o profissional de jornalismo,

ele concorda com essa obrigatoriedade, fala que sua trajetória acadêmica foi muito necessária para que se transformasse no profissional que é hoje; mas percebo uma certa melancolia quando ele diz que a estrutura do Estado para a profissão de jornalista ainda é muito precária. Em doze anos de profissão, Ângelo já trabalhou em várias áreas do jornalismo; desses doze anos, dez foram passados nos jornais impressos. Começou estagiando no jornal do dia, virou em seguida repórter lá, depois seguiu como repórter para o Jornal A Gazeta, virou editor-chefe do jornal semanal Tribuna Amapaense, depois voltou como editor-chefe para o Jornal A Gazeta e por último foi convidado a integrar a equipe da TV Amapá onde assumiu a função de Coordenador de Núcleo de Rede e lá se encontra até então.

Perguntei a Ângelo o que um coordenador de núcleo de rede faz, então ele explica que sua função “é oferecer matérias para os telejornais da Rede Globo, além do Sportv e Globo News e dar apoio as produções nacionais que vem ao Estado, como Fantástico, Jornal Nacional, Globo Repórter, entre outros...”. Pedi para ele citar, dentre as matérias produzidas por ele, as que já foram exibidas nacionalmente, e ele então comentou sobre as mais recentes que foram a da falta de gasolina ocorrida no Estado e o incêndio que teria sido criminoso na reserva biológica do lago piratuba. Esse diálogo que tivemos foi via bate-papo do facebook com paradas esporádicas, pois Ângelo Fernandes é muito ocupado e mesmo com uma boa vontade do tamanho do mundo foi impossível fazê-lo parar para nos encontrarmos e conversarmos pessoalmente, ele é atencioso mais mesmo assim extremamente profissional.

Em outro momento no decorrer da construção desse perfil me deparei com um Ângelo bem brincalhão, pedi para que ele se definisse em poucas palavras, ele sorriu meio sem jeito e disse: “não dá pra gente pular essa parte, prefiro mil vezes entrevistar alguém a estar do outro lado”; depois do “desabafo” Ângelo continuou como cavalheiro que é e me respondeu que se considera uma pessoa feliz, que como profissional ainda sonha alcançar vôos mais altos, como por exemplo, trabalhar em um grande veículo de comunicação. E sobre sua família ele diz que vive um relacionamento sério já há algum tempo; usando as palavras dele “oficialmente solteiro mais já morando com a namorada” e que, como seus pais, sonha em constituir família; e uma família bem grande, e entre um ataque de risos me fala que só não sabe quando isso vai acontecer.

Entrei em contato com alguns amigos de Ângelo e me confidenciaram que o mesmo é uma pessoa bem legal, um profissional incrível e sua namorada comentou que ele é um companheiro e tanto; e além de tudo um grande batalhador, que cresceu profissionalmente sob os próprios esforços e lutando muito, até hoje em dia ainda ajuda sua família no que pode e não esqueceu sua origem humilde. O comunicólogo acredita que o jornalismo pode ser usado como uma maneira de dar voz a àqueles que vivem à margem da sociedade.

Conclusões acerca de Ângelo Raimundo Fernandes Silva são as mais positivas possíveis, posso não ter extraído o quantitativo de informações que queria, mas considero ser o suficiente para entender que a vida de Ângelo é excessivamente corrida. Alternamos conversas ao telefone, via facebook e apenas um encontro pessoalmente no seu local de trabalho, onde rolou pouca conversa, porém de forma bem construtiva e útil. Para finalizar posso dizer que sua trajetória foi construída com muito esforço e que não comprometeu sua capacidade profissional e ainda só acrescentou ao ser humano que se tornou.

Eliana Lopes

Acadêmico do segundo semestre do curso de Jornalismo na Universidade Federal do Amapá.

Perfil produzido para a disciplina de Mídia Impressa ministrada pela prof. Roberta Scheibe

Macapá/AP, março de 2013.